

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

FEVEREIRO DE 1865

Nº 2

## Temor da Morte<sup>8</sup>

O homem, seja qual for a escala de sua posição social, desde selvagem tem o sentimento inato do futuro; diz-lhe a intuição que a morte não é a última fase da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais generalizada do que a do nada. Como é possível que ainda se encontre, entre os que crêem na imortalidade da alma, tanto apego às coisas da Terra, e tão grande temor da morte?

Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma conseqüência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não estiver bastante esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao seu próprio adiantamento.

8 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 1ª parte, capítulo II.

Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza, mas ainda atenuada por secreto apego à vida corporal.

À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreende melhor a sua missão na Terra, lhe aguarda o fim com mais calma, mais resignação, e sem medo. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às idéias, outro objetivo ao trabalho; antes dela, nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro, sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou má direção deste. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento o mundo invisível e deste fazer uma idéia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria. Nos que não são suficientemente avançados, a vida material ainda prevalece sobre a vida espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, em vez de concentrar o pensamento na roupagem externa, o dirigisse para a fonte mesma da vida, sobre a alma, que é o ser real e sobrevivente a tudo, lamentaria menos a perda do corpo, fonte de tantas misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na maturidade.

O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio de que a destruição do corpo seja o fim de tudo. É, ainda, provocado pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza.

Esse temor decresce à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa.

Eis aí o lado providencial da questão. Era prudente não deslumbrar o homem cuja razão ainda não fosse bastante forte para suportar a perspectiva, muito positiva e muito sedutora, de um futuro que o teria feito negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

Este estado de coisas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. A primeira é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer a razão esclarecida dos pensadores refletidos. Assim, dizem estes: “Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades.” Daí, a incredulidade de uns e a crença dúbia de um grande número. A vida futura é-lhes uma idéia vaga, antes uma probabilidade do que certeza absoluta; acreditam, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: “Se, todavia, assim não for! O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro por sua vez virá.”

E, depois, acrescentam, definitivamente que é a alma? É um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, vê ou percebe? É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração. Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos no seu modo de pensar, estão perdidos, e não têm mais aos seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram

amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela possamos ter, e eles próprios dão-se por satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em mônadas. Justifica-se assim a preferência ao positivismo da vida terrestre, que algo possui de mais substancial, sendo considerável o número dos que se deixam dominar por este pensamento.

Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente crêem na vida futura, é a impressão do ensino que relativamente a ela se lhes há dado desde a infância.

Convenhamos que o quadro esboçado pela religião, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolatório. De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, não lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem. Estas duas categorias compõem a imensa maioria da população de além-túmulo. Acima delas, paira a limitada classe dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de uma fastidiosa monotonia. É por isso que se vê, nas figuras que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas onde mais transparece o tédio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a instintiva idéia de progresso, única que se afigura compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que, só por haver recebido o batismo, o selvagem ignorante – de senso moral obtuso – esteja ao mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de ciência e moralidade práticas. Menos concebível ainda é que a criança falecida em tenra idade, antes de ter

consciência de seus atos, goze dos mesmos privilégios somente por força de uma cerimônia na qual a sua vontade não teve parte alguma.

Estes raciocínios não deixam de preocupar os mais fervorosos crentes, por pouco que meditem. Não dependendo a felicidade futura do trabalho progressivo na Terra, a facilidade com que se acredita adquirir essa felicidade, por meio de algumas práticas exteriores, e a possibilidade até de a comprar a dinheiro, sem regeneração do caráter e costumes, dão aos gozos do mundo o melhor valor. Mais de um crente considera, no seu foro íntimo, que assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas, ou por dádivas póstumas, que de nada o privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos por outrem, uma vez que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si.

Seguramente, nem todos pensam assim, havendo mesmo muitas e honrosas exceções; mas não se poderia contestar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha o apego aos bens deste, encorajando o egoísmo.

Acrescentemos ainda a circunstância de tudo nas usanças concorrer para lamentar a perda da vida terrestre e temer a passagem da Terra ao céu. A morte é rodeada de cerimônias lúgubres, mais próprias a infundirem terror do que a provocarem esperança. Se descrevem a morte, é sempre com aspecto repelente e nunca como sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, mostrando-o horrendo e descarnado; nenhum simboliza a alma desembaraçando-se radiosa dos grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só se faz acompanhar do lamento dos sobreviventes, como se acontecesse a maior desgraça aos que se vão. Dizem-lhes eternos adeuses, como

se jamais devessem revê-los. Lastima-se por eles a perda dos gozos mundanos, como se não fossem encontrar maiores gozos no além-túmulo. Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico e feliz, tendo a perspectiva de um futuro brilhante! A idéia de um futuro melhor apenas toca de leve o pensamento, porque não tem nele raízes. Tudo concorre, assim, para inspirar o terror da morte, em vez de infundir esperança. Sem dúvida que muito tempo será preciso para o homem se desfazer desses preconceitos, mas lá chegará à medida que a sua fé se for firmando, a ponto de conceber uma idéia mais sensata da vida espiritual.

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas resultado da observação. O véu está levantado; o mundo invisível nos aparece em toda a sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever sua situação. Nós aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está para os espíritas a razão da calma com que encaram a morte, da serenidade de seus últimos instantes na Terra. O que os sustenta não é só a esperança, é a certeza; sabem que a vida futura é apenas a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que aguardam o nascer do sol, após uma noite de tempestade. Os motivos desta confiança estão nos fatos de que são testemunhas, e no acordo desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.

Demais, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos vivos; a própria Igreja põe entre umas e outras uma barreira intransponível, declarando rotas todas as relações e

impossível qualquer comunicação. Se as almas estão no inferno, perdida é toda a esperança de as rever, a menos que lá se vá ter também; se estão entre os eleitos, vivem completamente absortas em contemplativa beatitude. Tudo isso interpõe entre mortos e vivos uma distância tal que faz supor eterna a separação, e é por isso que muitos preferem ter, junto de si, embora sofrendo, os entes caros, antes que vê-los partir, ainda mesmo que para o céu. E a alma que estiver no céu será realmente feliz vendo, por exemplo, arder eternamente *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos?*

Para os espíritas a alma não é mais uma abstração; tem um corpo etéreo, que dela faz um ser definido, que o pensamento abarca e concebe; já é muito para fixar idéias sobre sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre algo de real. Não mais são representadas como chamas fugidias, que nada lembram ao pensamento, mas sob uma forma concreta, que no-las mostra melhor como seres vivos. Depois, em vez de estarem perdidas nas profundezas do espaço, estão à nossa volta; o mundo visível e o mundo invisível estão em perpétuas relações e se assistem mutuamente. Não mais sendo permitida a dúvida sobre o futuro, o temor da morte não tem mais razão de ser; encaramo-la com sangue-frio, como uma libertação, como a porta da vida, e não como a do nada.

## Perpetuidade do Espiritismo

Num artigo precedente, falamos dos incessantes progressos do Espiritismo. Tais progressos serão duráveis ou efêmeros? É um meteoro que reluz com brilho passageiro, como tantas outras coisas? É o que vamos examinar em poucas palavras.

Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, uma escola filosófica baseada numa opinião pessoal, nada lhe garantiria a estabilidade, porque poderia agradar hoje e não agradar amanhã;

num dado tempo poderia não estar mais em harmonia com os costumes e o desenvolvimento intelectual, caindo, então, como todas as coisas fora de moda, que ficam a reboque do movimento; enfim, poderia ser substituído por algo melhor. Dá-se o mesmo com todas as concepções humanas, todas as legislações, todas as doutrinas puramente especulativas.

O Espiritismo apresenta-se em condições inteiramente diversas, como tantas vezes temos feito observar. Repousa sobre um fato, o da comunicação entre o mundo visível e o invisível. Ora, um fato não pode ser anulado pelo tempo, como uma opinião. Sem dúvida ainda não é admitido por todos; mas, que importam as negações de alguns, quando ele é constatado todos os dias por milhões de indivíduos, cujo número cresce incessantemente, e que não são nem mais tolos nem mais cegos do que os outros? Chegará, pois, o momento em que não encontrará mais negadores do que os agora existentes para o movimento da Terra.

Quantas oposições não levantaram este último fato! Por muito tempo não faltaram aos incrédulos aparentes boas razões para o contestar. Diziam eles: “Como crer na existência dos antípodas, caminhando de cabeça para baixo? E se a Terra gira, como pretendem, como acreditar que nós mesmos estejamos, de vinte e quatro em vinte e quatro horas, nessa posição incômoda, sem nos apercebermos? Nesse estado, não mais poderíamos ficar ligados à Terra, a não ser que quiséssemos marchar contra um teto, com os pés no ar, à guisa de moscas. E, depois, em que se tornariam os mares? A água não derrama quando se inclina o vaso? A coisa é simplesmente *impossível*, portanto é absurda, e Galileu é um louco.”

Sendo, porém, um fato essa coisa absurda triunfou de todas as razões contrárias e de todos os anátemas. Que faltava para admitir a sua possibilidade? o conhecimento da lei natural sobre a qual repousa. Se Galileu se tivesse contentado em dizer que a Terra



gira, até agora ainda não acreditariam nele. Mas as negações caíram ante o conhecimento do princípio.

Dar-se-á o mesmo com o Espiritismo. Já que repousa sobre um fato material, existente em virtude de uma lei explicada e demonstrada, que lhe tira todo caráter sobrenatural e maravilhoso, é imperecível. Os que negam a possibilidade das manifestações estão no mesmo caso dos que negavam o movimento da Terra. A maioria nega a causa primeira, isto é, a alma, sua sobrevivência ou sua individualidade, não sendo, pois, surpreendente que neguem o efeito. Julgam pelo simples enunciado do fato e o declaram absurdo, como outrora declaravam absurda a crença nos antípodas. Mas, que pode sua opinião contra um fenômeno constatado pela observação e demonstrado por uma lei da Natureza? Sendo o movimento da Terra um fato puramente científico, sua constatação não estava ao alcance do vulgo; foi preciso aceitá-lo sobre a fé nos cientistas. Mas o Espiritismo tem, além disso, o poder de ser constatado por todo o mundo, o que explica a sua tão rápida propagação.

Toda descoberta nova de alguma importância tem conseqüências mais ou menos graves; a do movimento da Terra e da lei de gravitação que rege esse movimento teve resultados incalculáveis. A Ciência viu abrir-se à sua frente um novo campo de exploração e não se poderiam enumerar todas as descobertas, invenções e aplicações que lhes foram a conseqüência. O progresso da Ciência ensejou o da indústria, e o progresso da indústria mudou a maneira de viver, os hábitos, numa palavra todas as condições de ser da Humanidade. O conhecimento das relações do mundo visível e do mundo invisível tem conseqüências ainda mais diretas e mais imediatamente práticas, porque está ao alcance de todas as individualidades e a todos interessa. Devendo cada homem necessariamente morrer, ninguém pode ficar indiferente àquilo que acontecerá depois de sua morte. Pela certeza que o Espiritismo dá do futuro, muda a maneira de ver e influi sobre a moralidade.

Sufocando o egoísmo, modificará profundamente as relações sociais de indivíduo a indivíduo e de povo a povo.

Muitos reformadores de pensamentos generosos formularam doutrinas mais ou menos sedutoras; mas, em sua maioria, elas só triunfaram como seitas, temporárias e circunscritas. Foi assim e sempre será assim com as teorias puramente sistemáticas, porque, na Terra, não é dado ao homem conceber alguma coisa completa e perfeita. O Espiritismo, ao contrário, apoiando-se não numa idéia preconcebida, mas sobre fatos patentes, está protegido contra essas flutuações e não poderá senão crescer, à medida que esses fatos forem vulgarizados, mais bem conhecidos e melhor compreendidos. Ora, nenhuma potência humana poderia impedir a vulgarização de fatos que cada um pode constatar; constatados os fatos, ninguém poderá impedir as conseqüências deles resultantes. Estas conseqüências são aqui uma revolução completa nas idéias e na maneira de ver as coisas deste mundo e do outro. Antes que o século tenha passado ela será realizada.

Mas, dirão, ao lado dos fatos tendes uma teoria, uma doutrina; quem vos diz que essa teoria não sofrerá variações? que em alguns anos a de hoje será a mesma?

Sem dúvida ela pode sofrer modificações em seus detalhes, em conseqüência de novas observações; mas, uma vez adquirido, o princípio não pode variar e, menos ainda, ser anulado; eis o essencial. Desde Copérnico e Galileu tem-se calculado melhor o movimento da Terra e dos astros, mas o fato do movimento ficou com o princípio.

Dissemos que o Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência de observação; é o que faz sua força contra os ataques de que é objeto e dá aos seus adeptos uma fé inquebrantável. Todos os raciocínios que lhe opõem caem diante dos fatos, e esses raciocínios têm tanto menos valor aos seus olhos quanto mais os

sabem interessados. Em vão lhe dizem que isto não é, ou é outra coisa. Respondem: Não podemos negar a evidência. Se apenas existisse uma, poder-se-ia pensar numa ilusão; mas quando milhões de indivíduos vêem a mesma coisa, em todos os países, conclui-se logicamente que são os negadores que se iludem.

Se os fatos espíritas não tivessem como resultado senão satisfazer à curiosidade, por certo só causariam uma preocupação momentânea, como tudo o que é inútil; mas as conseqüências que deles decorrem tocam o coração, tornam felizes, satisfazem as aspirações, preenchem o vazio minado pela dúvida, projetam luz sobre a temível questão do futuro; ainda mais, neles se vê uma causa poderosa de moralização para a sociedade; elas têm, pois, um grande interesse. Ora, não se renuncia facilmente ao que é uma fonte de felicidade. Certamente não é com a perspectiva do nada, nem com a das chamas eternas que afastarão os espíritas de suas crenças.

O Espiritismo não se apartará da verdade e nada terá a temer das opiniões contraditórias, enquanto sua teoria científica e sua doutrina moral forem uma dedução dos fatos escrupulosa e conscienciosamente observados, sem preconceitos nem sistemas preconcebidos. É diante de uma observação mais completa, que todas as teorias prematuras e arriscadas, surgidas na origem dos fenômenos espíritas modernos, caíram e vieram fundir-se na imponente unidade que hoje existe, e contra a qual não se obstinam senão raras individualidades, que diminuem dia a dia. As lacunas que a teoria atual pode ainda conter encher-se-ão da mesma maneira. O Espiritismo está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inquebrantável em sua base, porque esta base está assentada nos fatos.

Que os espíritas, pois, nada receiem: o futuro lhes pertence; que deixem os adversários se debaterem sob a opressão da verdade, que os ofusca, porque toda denegação é impotente contra a evidência que, inegavelmente, triunfa pela própria força

das coisas. É uma questão de tempo, e neste século o tempo marcha a passos de gigante, sob o impulso do progresso.

## Espíritos Instrutores da Infância

### CRIANÇA AFETADA DE MUTISMO

Uma senhora nos transmitiu o seguinte fato:

“Uma de minhas filhas tem um menino de três anos que, desde o nascimento, lhe tem causado as mais vivas inquietações. Restabelecida sua saúde em fins de agosto último, apenas andava e só dizia *papá, mamã*; o restante de sua linguagem não passava de uma mistura de sons inarticulados. Há cerca de um mês, depois de infrutíferas tentativas para que o filho pronunciasse as palavras mais usuais, tentativas sempre repetidas sem sucesso, minha filha deitou-se muito triste com essa espécie de mutismo, muito desolada porque seu marido, capitão de longo curso, quando retornasse de uma ausência que já durava mais de um ano, não acharia mudança na maneira de falar do filho. Contudo, ela foi despertada às cinco horas da manhã pela voz da criança, que articulava distintamente as letras A, B, C, D, que jamais lhe tinham tentado fazer pronunciar. Acreditando sonhar, sentou-se na cama; inclinando a cabeça para o berço, o rosto perto do da criança, que dormia, ouviu-a repetir em voz alta, por diversas vezes, as letras A, B, C, acentuando cada uma por um leve movimento de cabeça, após o que pronunciava a letra D de forma bem carregada.

“Às seis horas, quando entrei em seu quarto, a criança ainda dormia, mas a mãe, feliz e emocionada por ter ouvido o filho pronunciar essas letras, não mais retomara o sono. Ao despertar o pequeno, e desde então, em vão tentamos fazê-lo dizer essas letras, que jamais tinha ouvido dizer, quando as disse no sono, pelo menos nesta vida; contudo, todos os nossos ensaios fracassaram. Mesmo ainda hoje ele diz A, B, mas nos foi impossível obter para o C e o

D mais que dois sons, um da garganta, outro do nariz, que de modo algum lembram as duas letras que queríamos que ele dissesse.

“Não é a prova de que esse menino já viveu? Paro aqui, pois não me sinto bastante instruída para ousar concluir. Preciso aprender ainda, ler muito tudo quanto trata do Espiritismo, não para me convencer: O Espiritismo responde a tudo, ou, pelo menos, a quase tudo; mas, repito, senhor, não sei bastante. Ainda o saberei; não me falta o desejo. Deus, que não me abandonou nestes dezessete anos de viuvez; Deus, que me ajudou a educar os filhos e os encaminhar na vida; Deus, em que tenho fé, proverá o que me falta, porque nele espero e lhe peço de todo o coração para que permita aos Espíritos bons que me esclareçam e me guiem para o bem. Orai também por mim, senhor, pois estou em comunhão de pensamento convosco e, acima de tudo, desejo marchar no bom caminho.”

Este fato é, sem sombra de dúvida, o resultado de conhecimentos adquiridos anteriormente. Se há uma aptidão inata, é a que se revela espontaneamente durante o sono do corpo, quando nenhuma circunstância poderia tê-la feito desenvolver-se no estado de vigília. Se as idéias fossem um produto da matéria, por que uma idéia nova iria surgir quanto a matéria estivesse entorpecida, ao passo que não só é nula, mas impossível de exprimir quando os órgãos estão em plena atividade? A causa primeira, pois, não pode estar na matéria. É assim que, a cada passo, o materialismo se choca contra problemas cuja solução é incapaz de dar. Para que uma teoria seja verdadeira e completa, é preciso que não seja desmentida por nenhum fato. O Espiritismo não formula nenhuma prematuramente, a menos que seja a título de hipótese, caso em que se guarda de dá-la como verdade absoluta, mas apenas como assunto de estudo. Essa a razão por que marcha com segurança.

No caso de que se trata, é, pois, evidente que não tendo o Espírito aprendido em vigília o que diz durante o sono, forçoso

é que tenha aprendido algures; desde que não foi nesta vida, deve ter sido em outra e, ainda, numa existência terrestre, na qual falava francês, já que pronuncia letras francesas. Como explicarão o fato os que negam a pluralidade das existências ou a reencarnação na Terra?

Mas resta saber como é que o Espírito, desperto, não possa dizer o que articula no sono? Eis a explicação dada por um Espírito à Sociedade de Paris.

(24 de novembro de 1864 – Médiun: Sra. Cazemajour)

É uma inteligência que poderá ainda ficar velada por algum tempo, pelo sofrimento material da reencarnação na qual o Espírito teve muita dificuldade em se submeter e que, momentaneamente, aniquilou as suas faculdades. Mas o seu guia o ajuda com terna solicitude a sair desse estado pelos conselhos, o encorajamento e *as lições* que lhe dá, durante o sono do corpo, lições que não são perdidas e que se *acharão vivazes* quando essa fase de entorpecimento houver passado, e que será determinada por um choque violento, uma emoção extrema. Para isso é necessária uma crise desse gênero. Deve-se estar atento para isto, mas não temer a idiotia, pois não é o caso.”

Há aqui um ensinamento importante e, até certo ponto, novo: o da primeira educação dada a um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado. Sem dúvida certos sábios desdenhariam o fato como muito pueril e sem importância; nele não veriam senão uma bizarrice da Natureza, ou o explicariam por uma superexcitação cerebral, que dilata momentaneamente as faculdades, pois é assim que explicam todas as faculdades mediúnicas. Por certo seria concebível, em alguns casos, a exaltação numa pessoa adulta, cuja imaginação sobe pelo que vê ou pelo que ouve, mas não se compreenderia o que pudesse sobreexcitar o cérebro de uma criança de três anos, que dorme. Eis, pois, um fato

inexplicável por essa teoria, ao passo que encontra solução natural e lógica pelo Espiritismo. O Espiritismo não desdenha nenhum fato, por mais insignificante que seja em aparência; ele os espreita, observa-os e os estuda todos. É assim que progride a ciência espírita, à medida que os fatos se apresentam para atestar ou completar sua teoria. Se a contradisserem, ele lhes busca outra explicação.

Uma carta de 30 de dezembro de 1864, escrita por um amigo da família, contém o seguinte:

“Uma crise” – disseram os Espíritos – “determinada por um choque violento, uma emoção extrema livrará a criança do entorpecimento de suas faculdades. Os Espíritos disseram a verdade; a crise ocorreu por um choque violento, e eis de que maneira. A criança deu causa a que sua avó sofresse um tombo terrível, no qual por pouco não partiu a cabeça, esmagando a criança. Desde esse trauma o menino surpreende os pais a todo instante, pronunciando frases inteiras, como esta: “Cuidado mamã, para não cair.”

A articulação das letras durante o sono do garoto era, muito evidentemente, um efeito mediúnico, pois resultava do exercício que o Espírito lhe fazia fazer. Numa sessão posterior da Sociedade, em que absolutamente não se ocupavam do caso em questão, foi dada espontaneamente a seguinte dissertação, vindo confirmar e desenvolver o princípio desse gênero de mediunidade.

## Mediunidade na Infância

(Sociedade de Paris, 6 de janeiro de 1865 – Médiun: Sr. Delanne)

Depois de ter sido preparado pelo anjo-da-guarda, começam a se estabelecerem no Espírito que vem encarnar, isto é, que vem sofrer novas provações em vista do seu melhoramento, os

laços misteriosos que o unem ao corpo, a fim de manifestar a sua ação terrestre. Aí está todo um estudo, sobre o qual não me estenderei; só falarei do papel e da disposição do Espírito, durante o período da infância no berço.

A ação do Espírito sobre a matéria, nesse tempo de vegetação corpórea, é pouco sensível. Assim, os guias espirituais desvelam-se em aproveitar esses instantes, em que a parte carnal não obriga a participação inteligente do Espírito, a fim de preparar este último e encorajá-lo em suas boas resoluções, das quais sua alma está impregnada.

É nesses momentos de desprendimento que o Espírito, saindo da perturbação que teve de passar para a encarnação presente, compreende e se lembra dos compromissos contraídos para o seu adiantamento moral. É então que os Espíritos protetores vos assistem e ajudam a vos reconhecerdes. Assim, estudai a fisionomia da criancinha que dorme; muitas vezes o vereis “sorrindo aos anjos”, como se diz vulgarmente, expressão mais justa do que se pensa. Com efeito, sorri aos Espíritos que o cercam e o devem guiar.

Vede esse pequeno acordado. Ora ele olha fixamente, parecendo reconhecer seres amigos; ora balbucia palavras, e seus gestos alegres parecem dirigir-se a rostos amados. E como Deus jamais abandona as suas criaturas, mais tarde esses mesmos Espíritos lhe darão boas e salutares instruções, seja durante o sono, seja por inspiração, em estado de vigília. Daí podeis ver que todos os homens possuem, ao menos em germe, o dom da mediunidade.

A infância propriamente dita é uma longa série de efeitos mediúnicos, e se crianças um pouco mais velhas, quando o Espírito adquiriu mais força, por vezes não temessem as imagens das primeiras horas, poderíeis constatar muito melhor esses efeitos.



Continuai a estudar e, diariamente, como crianças grandes, vossa instrução aumentará, se não vos obstinardes em fechar os olhos ao que vos cerca.

*Um Espírito protetor*

## Questões e Problemas

### OBRAS-PRIMAS POR VIA MEDIÚNICA

*Por que os Espíritos dos grandes gênios que brilharam na Terra não produzem obras-primas por via mediúnica, como fizeram em vida, desde que nada perderam em inteligência?*

Esta questão é, ao mesmo tempo, uma daquelas cuja solução interessa à ciência espírita, como tema de estudo, e uma objeção oposta por certos negadores à realidade das manifestações. Dizem estes últimos: “Estas obras fora do comum seriam uma prova de identidade adequada para convencer os mais recalcitrantes, ao passo que os produtos mediúnicos assinados pelos mais ilustres nomes quase não se elevam acima da vulgaridade. Até agora não se cita nenhuma obra capital que possa mesmo aproximar-se das dos grandes literatos e dos grandes artistas.” E acrescentam alguns: “Quando eu vir o Espírito Homero dar uma nova *Ilíada*, o de Virgílio uma nova *Eneida*, o de *Corneille* um novo *Cid*, o de Beethoven uma nova sinfonia em *lá*; ou quando um sábio, como Laplace, resolver um desses problemas inutilmente procurados, como a quadratura do círculo, por exemplo, então poderei crer na realidade dos Espíritos. Mas como quereis que neles creia, quando vejo darem seriamente, sob o nome de Racine, poesias que um aluno do quarto ano corrigiria; atribuir a Béranger versos que não passam de finais mal rimados, insossos e sem espírito, ou imputar a Voltaire e Chateaubriand uma linguagem de cozinheira?”

Há nesta objeção um lado sério: é o que contém a última parte, mas que não denota menos a ignorância dos primeiros princípios do Espiritismo. Se os que a fazem não julgassem antes de o haver estudado, poupar-se-iam a um trabalho inútil.

Como se sabe, a identidade dos Espíritos é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático. Só pode ser constatada de maneira positiva para os Espíritos contemporâneos, cujo caráter e hábitos são conhecidos. Então eles se revelam por uma multidão de particularidades, nos fatos e na linguagem, que não podem deixar qualquer dúvida. São esses cuja identidade nos interessa mais, por laços que a eles nos unem. Muitas vezes um sinal, uma palavra basta para atestar a sua presença, e essas particularidades são tanto mais significativas, quanto mais similitude há na série de conversas familiares que se tem com os Espíritos. Além disso, é preciso considerar que quanto mais próximos de nós pela época de sua morte terrestre, menos estão os Espíritos despojados do caráter, dos hábitos e das idéias pessoais que no-los fazem reconhecer.

Já não é assim com os Espíritos que, de certo modo, só são conhecidos através da História. Para esses não existe nenhuma prova material de identidade; pode haver presunção, mas não certeza absoluta da personalidade. Quanto mais afastados de nós os Espíritos pela época em que viveram, menor essa certeza, considerando-se que suas idéias e seu caráter podem ter-se modificado com o tempo. Em segundo lugar, os que chegaram a uma certa elevação formam famílias similares pelo pensamento e pelo grau de adiantamento, cujos membros todos estão longe de nos ser conhecidos. Se um deles se manifesta, fá-lo-á sob um nome nosso conhecido, como sinal de sua categoria. Se se evoca Platão, por exemplo, é possível que responda ao apelo; mas, se não o puder, um Espírito da mesma categoria responderá por ele; será o seu pensamento, mas não a sua individualidade. Eis o que importa estarmos bem compenetrados.

Aliás, os Espíritos superiores vêm para instruir-nos; sua identidade absoluta é questão secundária. O que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno de sua assinatura? Eis toda a questão. No primeiro caso, aceita-se; no segundo, rejeita-se como apócrifa.

Aqui se apresenta o grande escolho da intromissão dos Espíritos levianos ou ignorantes, que se enfeitam de grandes nomes para fazerem aceitar suas tolices e utopias. Nesse caso, a distinção exige tato, observação e, quase sempre, conhecimentos especiais. Para julgar uma coisa é preciso ter competência. Como aquele que não é versado em literatura e poesia podia apreciar as qualidades e os defeitos das comunicações deste gênero? A ignorância, neste caso, por vezes toma por verdades sublimes a ênfase, os floreios de linguagem, as palavras sonoras, que cobrem o vazio das idéias; não pode identificar-se com o gênio particular do escritor, para julgar o que pode ou não pode ser dele. Assim, muitas vezes vêem-se médiuns, lisonjeados por receberem versos assinados por Racine, Voltaire ou Béranger, não sentirem nenhuma dificuldade em julgá-los autênticos, por mais detestáveis que sejam, sendo uma felicidade quando não se aborrecem contra os que se permitem pô-los em dúvida.

Temos, pois, como perfeitamente justa a crítica que se lança a semelhantes coisas, porque abunda em nossa razão. O erro não está no Espiritismo, mas nos que aceitam com muita facilidade o que vem dos Espíritos. Se os que disso fazem uma arma contra a doutrina a tivessem estudado, saberiam o que ela admite e não lhe imputariam o que repele, nem os exageros de uma credulidade cega e irrefletida. O erro é ainda maior quando se publicam, sob nomes conhecidos, coisas indignas da origem que lhes é atribuída; é dar razão à crítica fundada e prejudicar o Espiritismo. É necessário que se saiba que o Espiritismo racional absolutamente não patrocina essas produções, nem assume a responsabilidade das publicações feitas com mais entusiasmo do que prudência.

A incerteza a respeito da identidade dos Espíritos, em certos casos, e a freqüência da intromissão dos Espíritos levianos provam alguma coisa contra a realidade das manifestações? De modo algum, pois o fato das manifestações é tão bem provado pelos Espíritos inferiores quanto pelos superiores. A abundância dos primeiros prova a inferioridade moral do nosso globo e a necessidade de trabalhar pela nossa melhora, para dele sairmos o mais rápido possível.

Resta, agora, a questão principal: Por que os Espíritos dos homens de gênio não produzem obras-primas pela via mediúnica?

Antes de tudo, é preciso ver a utilidade das coisas. Para que serviria isto? Para convencer os incrédulos, dizem. Mas, quando se os vê resistindo à mais palpável evidência, uma obra-prima não lhes provaria melhor a existência dos Espíritos, porque a atribuiriam, como todas as produções mediúnicas, à superexcitação cerebral. Um Espírito familiar, um pai, uma mãe, um filho, um amigo, que vêm revelar circunstâncias desconhecidas do médium, dizer essas palavras que vão ao coração prova muito mais que uma obra-prima, que poderia sair de seu próprio cérebro. Um filho, cujo pai o pranteia, e que vem atestar a sua presença e a sua afeição, não convence melhor do que se Homero viesse fazer uma nova *Iliada*, ou Racine uma nova *Fedra*? Por que, então, lhes pedir habilidades, que espantariam mais do que convenceriam, quando eles se revelam por milhares de fatos íntimos, ao alcance de todo o mundo? Os Espíritos buscam convencer as massas, e não tal ou qual indivíduo, porque a opinião das massas faz lei, enquanto os indivíduos são unidades perdidas na multidão. Eis por que pouco se preocupam com os obstinados que os querem importunar. Sabem perfeitamente que, mais cedo ou mais tarde, terão de curvar-se ante a força da opinião. Os Espíritos não se submetem ao capricho de ninguém; para convencer empregam os meios que querem, conforme os indivíduos e as circunstâncias.

Tanto pior para os que não se contentam com isto; sua vez chegará mais tarde. Daí por que dizemos também aos adeptos: Ligai-vos aos homens de boa vontade, porque não falhareis; mas não percais vosso tempo com os cegos que não querem ver, nem com os surdos que não querem ouvir. Agir assim é faltar com a caridade? Não, pois para estes será apenas um adiamento. Enquanto perdeis o tempo com eles, negligenciais dar consolações a uma porção de gente necessitada e que aceitaria com alegria o pão da vida que lhes oferecêsseis. Além disso, pensai que os refratários, que resistem às vossas palavras e às provas que lhes dais, cederão um dia sob o ascendente da opinião que se formará em redor deles. Seu amor-próprio sofrerá menos com isto.

A questão das obras-primas também se liga ao mesmo princípio que rege as relações dos encarnados com os desencarnados. Sua solução depende do conhecimento deste princípio. Eis as respostas dadas a respeito na Sociedade Espírita de Paris.

**(6 de janeiro de 1865 – Médiun: Sr. d'Ambel)**

Há médiuns que, por suas aquisições anteriores, por seus estudos particulares na existência que hoje percorrem, acham-se mais aptos, quando não mais úteis que outros. Aqui a questão moral não é levada em conta: é simplesmente uma questão de capacidade intelectual. Mas não se deve ignorar que a maior parte desses médiuns não são devotados e que muitos recebem dos Espíritos comunicações de ordem elevada, que só a eles aproveitam. Mais de uma obra-prima da literatura e das artes é produto de uma mediunidade inconsciente; sem isto, de onde viria a inspiração? Afirmar corajosamente que as comunicações recebidas por Delphine de Girardin, Auguste Vaquerie e outros estavam à altura do que se tinha o direito de esperar dos Espíritos que se comunicavam por eles. Nessas ocasiões, infelizmente muito raras no Espiritismo, as almas dos que queriam comunicar-se

tinham à mão bons, excelentes instrumentos, ou, melhor, médiuns cuja capacidade cerebral forneciam todos os elementos de palavras e de pensamentos necessários à manifestação dos Espíritos inspiradores. Ora, na maior parte das circunstâncias em que os Espíritos se comunicam – os grandes Espíritos, bem entendido – estão longe de ter sob a mão elementos suficientes para a emissão de seus pensamentos na forma, com a fórmula que eles lhe teriam dado quando vivos. É isso um motivo para não receber suas instruções? Por certo, não! Porque se algumas vezes a forma deixa a desejar, o fundo é sempre digno do signatário das comunicações. Quanto ao mais, são querelas de palavras. A comunicação existe ou não existe? Eis o essencial. Se existe, que importa o Espírito e o nome que este toma? Se não se acredita nisto, importa ainda menos com ela se preocupar. Os Espíritos tratam de convencer; quando não o conseguem, é um inconveniente sem importância; é simplesmente porque o encarnado ainda não está pronto para ser convencido. Todavia, estou bem à vontade para aqui afirmar que, em cem indivíduos de boa-fé, que experimentam por si ou por médiuns que lhes são estranhos, mais de dois terços tornam-se partidários sinceros da Doutrina Espírita, porquanto, nesses períodos excepcionais, a ação dos Espíritos não se circunscreve apenas ao ato do médium, mas se manifesta por mil aspectos materiais ou espirituais sobre o próprio evocador.

Em suma, nada é absoluto, e sempre chegará uma hora mais fecunda, mais produtiva que a hora precedente. Eis, em poucas palavras, minha resposta à pergunta feita pelo vosso presidente.

*Erasto*

(20 de janeiro de 1865 – Médium: Srta. M. C.)

Perguntais por que os Espíritos que na Terra brilharam por seu gênio, não dão aos médiuns comunicações à altura de suas produções terrenas, quando, de preferência, deveriam dá-las

superiores, já que o tempo decorrido desde sua morte deve ter sido acrescentado às suas faculdades. Eis a razão.

Para se fazer ouvir, é preciso que os Espíritos atuem sobre instrumentos que estejam ao nível de sua ressonância fluídica. Que pode fazer um bom músico com um instrumento detestável? Nada. Ah! muitos médiuns, se não a maior parte, são para nós instrumentos muito imperfeitos. Compreendi que em tudo é necessário similitude, tanto nos fluidos espirituais quanto nos fluidos materiais. Para que os Espíritos avançados possam se vos manifestar, necessitam de médiuns capazes de vibrar em uníssono; do mesmo modo, para as manifestações físicas, é preciso que os encarnados possuam fluidos materiais da mesma natureza que os dos Espíritos errantes, tendo ainda ação sobre a matéria.

Assim, Galileu só se manifestará realmente a um astrônomo capaz de o compreender e transmitir sem erro os seus dados astronômicos; Alfred de Musset e outros poetas terão necessidade de um médium que ame e compreenda a poesia; Beethoven, Mozart procurarão músicos dignos de poder transcrever seus pensamentos musicais; os Espíritos instrutores que vos desvendam os segredos da Natureza, segredos pouco conhecidos, ou ainda ignorados, precisam de médiuns que já compreendam certos efeitos magnéticos e que tenham estudado bem a mediunidade.

Compreendi isto, meus amigos; refleti que não encomendais uma roupa ao chapeleiro, nem vossas cabeleiras ao alfaiate. Deveis compreender que necessitamos de bons intérpretes, e que alguns de nós, por não encontrar esses intérpretes, se recusem à comunicação. Mas, então, o lugar é ocupado. Não vos esqueçais de que os Espíritos levianos são em grande número, e que aproveitam as vossas faculdades com tanto mais facilidade quanto muitos dentre vós, envaidecidos pelas assinaturas notáveis, pouco se inquietam em se informarem na fonte verdadeira e

confrontarem o que obtêm com o que deveriam ter obtido. Regra geral: quando quiserdes um calculador, não vos dirijais a um dançarino.

*Um Espírito protetor*

*Observação* – Esta comunicação apóia-se num princípio verdadeiro, que resolve perfeitamente a questão do ponto de vista científico; contudo, não deve ser tomada num sentido muito absoluto. À primeira vista, esse princípio parece contradizer os fatos tão numerosos de médiuns que tratam de assuntos fora de seus conhecimentos, e pareceria implicar, para os Espíritos superiores, a possibilidade de não se comunicarem senão a médiuns que estivessem à sua altura. Ora, isto só se deve entender quando se trata de trabalhos especiais e de uma importância excepcional. Concebe-se que se Galileu quisesse tratar de uma questão científica, se um grande poeta quisesse ditar uma obra poética, tenham necessidade de um instrumento que responda ao seu pensamento, o que não quer dizer que, para outras coisas, uma simples questão de moral, por exemplo, um bom conselho a dar, não poderão fazê-lo por um médium que não seja cientista, nem poeta. Quando um médium trata com facilidade e superioridade assuntos que lhe são estranhos, é um indício de que seu Espírito possui um desenvolvimento inato e faculdades latentes, fora da educação que recebeu.

## O Ramanenjana

Os *Anais da propagação da fé*, de setembro de 1864, em seu número 216, contêm o relato minucioso dos acontecimentos ocorridos em Tananarive (Madagáscar), no decorrer do ano de 1863, entre outros o da morte do rei Radama II. Aí encontramos o seguinte relato:



O mais grave dos fatos ocorridos em Tananarive em 1863 é, incontestavelmente, a morte de Radama II. Antes, porém, de narrar o fim trágico desse infeliz príncipe, é necessário lembrar outro fato que não teve menor repercussão que o primeiro, testemunhado por mais de duzentos mil homens, e que pode ser encarado como o prelúdio ou o precursor do atentado cometido contra a pessoa real do infortunado Radama. Quero falar do *Ramanenjana*.

### *O que é o Ramanenjana?*

Esta palavra, que significa *tensão*, exprime uma estranha doença que, de início, se manifestou ao sul de Emirne. Dela se teve conhecimento em Tananarive cerca de um mês antes. A princípio era apenas um vago rumor que circulava entre o povo. Assegurava-se que numerosos grupos de homens e mulheres, acometidos por uma afecção misteriosa, subiam do sul para a capital, para falar ao rei, da parte de sua mãe (a defunta rainha). Dizia-se que tais grupos se encaminhavam em pequenas jornadas, acampando cada noite nos vilarejos e engrossando, ao longo do caminho, com todos os recrutas que fazia na sua passagem.

Mas ninguém teria imaginado que o Ramanenjana estivesse tão perto da cidade real, quando, de repente, fez sua primeira aparição alguns dias antes do Domingo de Ramos.

Eis o que a respeito nos escrevem:

“No momento em que o julgávamos ainda muito afastado, o Ramanenjana, ou Ramenabé, como outros também o chamam, veio estourar como uma bomba. Não há rumor na cidade senão de convulsões e convulsionários: existem por todos os lados; avalia-se seu número em mais de dois mil. Neste momento eles acampam em Machamasina, campo de Marte situado próximo à capital. A algazarra que fazem é tal que nos impede de dormir. Julgai como deve ser forte, para que a uma légua de distância possa chegar até aqui e perturbar o sono!

“Na terça-feira santa havia uma grande revista em Soanerana. Quando os tambores deram o toque de reunir, eis que mais de mil soldados deixaram bruscamente as fileiras e começaram a dançar o Ramanenjana. Por mais que os chefes gritassem, esbravejassem e ameaçassem, tiveram de renunciar à passagem da revista.”

### *Caráter do Ramanenjana*

Esta doença age especialmente sobre os nervos, neles exercendo uma pressão tal que logo provoca convulsões e alucinações, das quais apenas se dá conta do ponto de vista da ciência.

Os que são atingidos sentem, inicialmente, violentas dores na cabeça, na nuca e depois no estômago. Ao cabo de algum tempo começam os acidentes convulsivos; é então que os vivos entram em comunicação com os mortos: vêem a rainha Ranavalona, Radama I, Andrian Ampoinemerina e outros, que lhes falam e lhes dão incumbências. A maior parte dessas mensagens é dirigida a Radama II.

Os Ramanenjana parecem especialmente enviados para a velha Ranavalona, para dar a entender a Radama que ele deve voltar ao antigo regime, fazer cessar a prece, expulsar os brancos, interditar os porcos na cidade santa, etc., etc; caso contrário, grandes desgraças o ameaçam, e que ela o renegará como seu filho.

Um outro efeito dessas alucinações é que a maior parte dos que lhes são vítimas imaginam-se carregando pesados fardos que levam na comitiva dos mortos; imaginam ter à cabeça uma caixa de sabão, um cofre, um colchão, fuzis, chaves, talheres de prata, etc., etc.

Esses fantasmas precisam andar em disparada, pois os infelizes que estão às suas ordens fazem um esforço danado para

os seguir, a despeito de irem sempre em passo de corrida. Também é preciso, tão logo recebam a sua missão de além-túmulo, que se ponham a sapatear, a gritar, a pedir graça, agitando a cabeça e os braços, sacudindo as extremidades do lambá ou o pedaço de pano que lhes cobre o rosto. Depois, ei-los se atirando, sempre gritando, dançando, saltando e se agitando em convulsões. Seu grito mais comum é: *Ekala!* e este outro: *Izabay maikia!* “estamos com pressa!” Geralmente uma multidão os acompanha cantando, batendo palmas e tocando tambor; dizem que é para os superexcitar ainda mais e apressar o fim da crise, como se vê o cavaleiro hábil afrouxar as rédeas de seu corcel fogoso e, longe de procurar retê-lo, o instigar, com a voz de comando e a espora, até que este, tremendo sob a mão que o conduz, ofegante, coberto de suor, acabe parando por si mesmo, esgotado de fadiga e sem forças.

Ainda que essa doença acometa especialmente os escravos, é certo dizer que não poupa ninguém. É assim que um filho de Radama e de Maria, sua concubina, de repente se viu atormentado por alucinações do Ramanenjana; e ei-lo a gritar, a se agitar, a dançar e a correr como os outros. No primeiro momento de pavor, o próprio rei se pôs a persegui-lo; mas, nessa corrida precipitada, feriu-se ligeiramente na perna, o que o levou a dar ordem de sempre ter um cavalo selado, em caso de novo acidente.

As corridas desses energúmenos nada têm de bem determinado; uma vez impelidos não sei por que força irresistível, eles se espalham no campo, uns para um lado, outros para outro. Antes da Semana Santa dirigiam-se aos túmulos, onde dançavam e ofereciam uma moeda.

Mas no próprio Dia de Ramos – singular coincidência – uma nova moda foi criada entre eles: ir à parte baixa da cidade, cortar uma cana-de-açúcar; levam-na triunfalmente sobre os ombros e vêm depositá-la sobre a pedra sagrada de Mahamasin, em

honra a Ranavalona. Aí dançam, agitam-se com todas as contorções e convulsões de hábito; depois depõem a cana e uma moeda, e voltam correndo, dançando, saltando, tal como chegaram.

Alguns levam uma garrafa de água à cabeça, para beber e se borrifar; e, coisa surpreendente! a despeito de tanta agitação e evoluções convulsivas, a garrafa mantém-se em equilíbrio; dir-se-ia pregada e grudada no crânio.

Escrevem-nos ainda que uma nova fantasia acaba de apoderar-se deles: exigem que todos tirem o chapéu por onde quer que passem.

Infeliz de quem se recusar obedecer a essa injunção, por mais absurda que seja! Disso já resultou mais de uma luta, que o pobre Radama julgou poder prevenir impondo uma multa de 150 fr. aos recalcitrantes. Para não infringir a prescrição real, a maioria dos brancos tomou o partido de só sair sem chapéu. Um dos nossos padres viu-se exposto a um caso muito mais grave: tratava-se nada menos do que fazê-lo tirar a batina, pois o *Ramanenjana* pretendia que a cor preta o ofuscava. Felizmente o padre pôde escapar e entrar em casa, sem ser obrigado a despojar-se das vestes sacerdotais.

Os acessos dos convulsionários não são contínuos. Depois de fazerem seus trejeitos diante da pedra sagrada, pedra sobre a qual fazem subir o herdeiro do trono para o apresentar ao povo, muitos deles vão atirar-se à água, subindo depois tranqüilamente para repousarem até nova crise.

Algumas vezes outros caem de esgotamento, no caminho ou na via pública, adormecem e se levantam curados. Há os que adoecem dois ou três dias antes de se libertarem completamente. Em muitos o mal é mais tenaz e por vezes dura cerca de quinze dias.

Durante o acesso, o indivíduo atingido pelo Ramanenjana não reconhece ninguém. Quase não responde às perguntas que lhe dirigem. Depois do acesso, se se lembra de alguma coisa, é vagamente e como num sonho.

Uma particularidade bastante notável é que, em meio às evoluções mais ofegantes, as mãos e os pés ficam frios como gelo, enquanto o resto do corpo está banhado em suor e a cabeça em ebulição.

Agora, qual pode ser a causa dessa doença singular? Aqui todos concordam inteiramente entre si; vários o atribuem pura e simplesmente ao demônio, que, como antes, se havia revelado nas mesas girantes, pensantes, etc. Daí por que, pouco preocupados de saudar essa diabólica majestade, muitos se resignaram a andar sem chapéu.

#### ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO RAMANENJANA

Seria de causar admiração se o nome do Espiritismo não tivesse sido misturado neste caso. Ainda bem que seus adeptos não foram acusados de provocar os fenômenos. O que não teriam dito se esses pobres malgaxes tivessem lido *O Livro dos Espíritos!* Não teriam deixado de afirmar que ele lhes tinha virado a cabeça. Quem, pois, sem o Espiritismo, lhes ensinou a crer nos Espíritos, na comunicação dos vivos com as almas dos mortos? É que o que está na Natureza se produz tão bem no selvagem quanto no homem civilizado, no ignorante como no sábio, no vilarejo quanto na cidade. Como há Espíritos em toda parte, as manifestações ocorrem em todos os lugares, mas com esta diferença: nos homens próximos da Natureza, o orgulho do saber ainda não embotou as idéias intuitivas, que aí estão vivazes e em toda a sua ingenuidade. Eis por que neles não se encontra a incredulidade erigida em sistema. Eles podem julgar mal as coisas, em virtude da pobreza de sua inteligência; mas a crença no mundo lhes é inata e entretida pelos fatos que testemunham.

Tudo prova, pois, que lá, como em Morzine, esses fenômenos são o resultado de uma obsessão, ou possessão coletiva, verdadeira epidemia de Espíritos maus, como se produziu ao tempo do Cristo e em muitas outras épocas. Cada população deve fornecer ao mundo invisível ambiente Espíritos similares que, do espaço, reagem sobre essas mesmas populações, das quais, devido à sua inferioridade, conservaram os hábitos, as inclinações e os preconceitos. Os povos selvagens e bárbaros estão, pois, cercados por uma massa de Espíritos ainda selvagens e bárbaros, até que o progresso os tenha levado a se encarnarem num meio mais adiantado. É o que resulta da comunicação abaixo.

Depois de lido o relato acima numa reunião íntima, um dos guias espirituais da família ditou espontaneamente o seguinte:

**(Paris, 12 de janeiro de 1865 – Médium: Sra. Delanne)**

Esta noite eu vos ouvi ler os fatos de obsessão ocorridos em Madagáscar. Se o permitis, darei minha opinião a respeito.

*Observação* – O Espírito não tinha sido evocado. Lá estava, pois, em meio à sociedade, escutando sem ser visto o que aí se dizia. É assim que, sem nos darmos conta, incessantemente temos testemunhas invisíveis de nossas ações.

Essas alucinações, como as chama o corresponde do jornal, não passam de uma obsessão, embora de caráter diferente do das que conheceis. Aqui é uma obsessão coletiva, produzida por uma plêiade de Espíritos atrasados que, tendo conservado suas antigas opiniões políticas, vêm tentar perturbar os seus compatriotas, por meio dessas manifestações, a fim de que estes últimos, tomados de pavor, não ousem apoiar as idéias de civilização que começam a implantar-se nesses países onde o progresso começa a despontar.

Os Espíritos obsessores que impelem essa pobre gente a tantas manifestações ridículas são os dos antigos malgaxes, furiosos, repito, por verem os habitantes dessas regiões admitindo as idéias de civilização, que alguns Espíritos adiantados, encarnados, têm a missão de implantar entre eles. Assim, muitas vezes os ouvis repetir: “Nada de preces, abaixo os brancos, etc.” É para vos fazer compreender que são antipáticos a tudo quanto possa vir dos europeus, isto é, do centro intelectual.

Essas manifestações, dadas à vista de todo um povo, não são uma grande confirmação dos vossos princípios? São produzidas mais para a sanção dos vossos trabalhos do que para essa populaça semi-selvagem.

As possessões de Morzine têm um caráter mais particular, ou, melhor dizendo, mais restrito. Podem estudar-se no local as fases de cada Espírito. Observando os detalhes, cada individualidade oferece um estudo especial, ao passo que as manifestações de Madagáscar têm a espontaneidade e o caráter nacional. É toda uma população de antigos Espíritos atrasados, que vêm com despeito sua pátria sofrer a influência do progresso. Não tendo progredido, eles próprios buscam entrar a marcha da Providência.

Comparativamente, os Espíritos de Morzine são mais adiantados. Conquanto brutos, julgam mais sensatamente que os malgaxes; discernem o bem do mal, pois sabem reconhecer que a forma da prece nada é, mas que o pensamento é tudo. Aliás, mais tarde vereis, pelos estudos que fizerdes, que eles não são assim tão atrasados quanto parecem à primeira vista. Aqui é para mostrar que a Ciência é impotente para curar esses casos por meios materiais; ali é para atrair a atenção e confirmar o princípio.

## Poesia Espírita

INSPIRAÇÃO DE UM EX-INCRÉDULO A PROPÓSITO  
DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Pelo Dr. Niéger

27 de dezembro de 1864

Tal aquele que um dia, em naufrágio encontrado,  
Nos destroços do barco em desespero, a nado,  
Sem força ante a fadiga e a esperança a perder  
De a seu país chegar e nunca mais rever,  
Lembra-se então de orar, que a fé sua alma afaga;  
Quando súbito emerge um clarão sobre a vaga  
De uma terra ignorada acesso lhe indicando,  
O naufrago cansado, esforços redobrando,  
Rapidamente alcança a margem protetora,  
E agradecido a Deus antes de tudo ele ora,  
Sentindo, assim, que a fé lhe renasce com ardor,  
Obedecer-Lhe a lei promete ao Salvador!

Isso eu senti um dia, o vosso livro ao ler,  
Senti no coração coragem renascer.  
Muito tempo ocupado em buscar os segredos  
Da vida corporal que contava nos dedos,  
Mas nada de apanhar-lhe as causas e a razão  
Que pareciam sempre escapar-me à visão.  
Vosso livro ao me abrir mais novos horizontes  
Para os trabalhos meus fez surgir outras fontes.  
Aí vi que tinha feito errada rota então,  
E dúvida não mais, só fé no coração.  
De fato, o homem que sai das mãos do Criador,  
Não pode ser lançado aqui ao desamor,  
Pois uma santa lei por Deus mesmo outorgada,  
A reger o Universo inteiro é destinada!  
Progresso é o nome seu, para bem a cumprir  
Os homens, entre si, procurem se reunir.

Que cenários de luz, que páginas sinceras  
Nesse livro que aborda o homem das priscas eras,  
Que mostra antes de tudo os primeiros humanos,  
Colhendo o bem-estar sem trabalhos insanos!



A guiá-lo da vida a tão belo proscênio,  
 Somente o instinto, sim! E só mais tarde o gênio.  
 Do homem nascerá esse fogo sagrado,  
 E o espírito do bem sempre muito inspirado,  
 Do demônio vencido as cadeias quebrando  
 A partir de então irá mais sendas devassando.  
 Lá, sobre um frágil barco, ousados marinheiros  
 Afrontam vagalhões quais valentes guerreiros  
 A lançarem-se ao mar... E vaga antes temida  
 A desafio tal recua enfim batida.  
 Além, da águia a imitar o vôo audacioso,  
 Vê-se o homem a ensaiar assalto aos céus, brioso!  
 Mais longe de um rochedo, em sua audácia incrível,  
 Na imensidão do céu perscruta o indefinível;  
 Do Universo sem-fim ele descobre a lei,  
 E do mundo se faz em breve o único rei!

Nem aí se detém seu incrível ardor:  
 Em um tubo reter o impalpável vapor,  
 Que avança então montando esse dragão de fogo;  
 As mais rudes ações não são mais do que um jogo  
 Do gênio em tudo a expor sua marcha devida,  
 Onde reinava a morte ele faz nascer vida.  
 Parecia que aqui o seu vôo ele finda;  
 Mas inflexível lei lhe exige mais ainda,  
 E veremos da terra esse senhor então  
 De uma nuvem espessa arrancar o trovão,  
 Em dócil instrumento alterar seu furor,  
 E de um poste fazer humilde servidor!

Limites pois não há para o saber humano.  
 Para o cosmo fez Deus do homem um soberano;  
 A ele cabe encontrar por esforços constantes  
 Do corpo e da alma os bens sublimes e brilhantes.  
 E que ele descartando a rota assaz batida,  
 Descortine afinal a luz desconhecida  
 Já por tão longo tempo oculta ao seu olhar.  
 Busquemos do progresso o lábaro elevar;  
 Abordemos e já a trilha e vasta messe  
 Ao nosso esforço aberta... Ante o amor e ante a prece:

Que normas divinas em nosso pavilhão!  
Prossigamos enfim em fraterna união.  
Se for preciso um dia em luta sucumbirmos,  
Nós rogamos, Senhor, que ao menos ao cairmos  
A coragem na fé nossos filhos, assim,  
Inspires a cumprir a tua lei, enfim.

## Discurso de Victor Hugo junto ao Túmulo de uma Jovem

Embora esta tocante oração fúnebre tenha sido publicada por diversos jornais, encontra lugar igualmente nesta *Revista*, em razão da natureza dos pensamentos que encerra, cujo alcance todos poderão compreender. O jornal do qual a tomamos dá conta da cerimônia fúnebre nos seguintes termos:

“Uma triste cerimônia reunia, quinta-feira última, uma multidão dolorosamente comovida no cemitério dos independentes, em Guernesey. Inumavam uma jovem, que a morte viera surpreender em meio às alegrias da família, e cuja irmã se casara dias antes. Era uma moçoila feliz, a quem um dos filhos do grande poeta, Sr. François Hugo, havia dedicado o décimo quarto volume de sua tradução de Shakespeare; ela morreu na véspera do lançamento desse volume.

“Como acabamos de dizer, a assistência era numerosa nesses funerais, numerosa e simpática, e é com viva emoção, com lágrimas que a amizade derramava, que ela ouviu as palavras de adeus, pronunciadas sobre esse túmulo tão prematuramente aberto, pelo ilustre exilado de Guernesey, pelo próprio Victor Hugo.

“Eis o discurso pronunciado pelo poeta:

“Em algumas semanas ocupamo-nos de duas irmãs: casamos uma e sepultamos a outra. Eis o perpétuo tremor da vida. Inclinem-nos, meus irmãos, ante o severo destino.

“Inclinemo-nos com esperança. Nossos olhos não foram feitos para chorar, mas para ver; nosso coração não foi feito para sofrer, mas para crer. A fé numa outra existência nasce da faculdade de amar. Não o esqueçamos: nesta vida inquieta e apaziguada pelo amor, é o coração quem crê. O filho conta encontrar a seu pai; a mãe não consente em perder para sempre o filho. Esta recusa do nada é a grandeza do homem.

“O coração não pode errar. A carne é um sonho; ela se dissipa. Se esse desaparecimento fosse o fim do homem, tiraria à nossa existência toda sanção. Não nos contentamos com esta fumaça que é a matéria; precisamos de uma certeza. Quem quer que ame, sabe e sente que nenhum dos pontos de apoio do homem está na Terra. Amar é viver além da vida. Sem esta fé, nenhum dom perfeito do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria o seu suplício. O paraíso seria o inferno. Não! digamos bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração necessita da alma.

“Há um coração neste féretro, e esse coração está vivo. Neste momento ele escuta minhas palavras.

“Emily de Putron era o doce orgulho de uma família respeitável e patriarcal. Seus amigos e parentes tinham por deleite sua graça e por festa seu sorriso. Ela era como uma flor de alegria a desabrochar na casa. Desde o berço era cercada de todas as ternuras; cresceu feliz e, recebendo felicidade, dava felicidade; amada, amava. Ela acaba de partir.

“Para onde foi? Para a sombra? Não.

“Nós é que estamos na sombra. Ela está na aurora.

“Ela está na glória, na verdade, na realidade, na recompensa. Essas jovens mortas, que não fizeram nenhum mal na vida, são bem-vindas do túmulo, e sua cabeça se ergue suavemente fora da sepultura, para uma coroa misteriosa. Emily de Putron foi

buscar no céu a serenidade suprema, complemento das existências inocentes. Ela se foi: juventude, para a eternidade; beleza, para o ideal; esperança, para a certeza; amor, para o infinito; pérola, para o oceano; Espírito, para Deus.

“Vai, alma!

“O prodígio desta grande partida celeste, que chamam morte, é que os que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, como testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas. Estão no alto, e muito perto. Ó, quem quer que sejais, que vistes desaparecer na tumba um ente querido, não vos julgueis abandonados por ele. Está sempre lá. Está ao vosso lado mais que nunca. A beleza da morte é a presença. Presença inexprimível das almas amadas, sorrindo aos nossos olhos em lágrimas. O ser chorado desapareceu, mas não partiu. Não mais percebemos o seu rosto suave... Os mortos são os invisíveis, mas não estão ausentes.

“Rendamos justiça à morte. Não sejamos ingratos para com ela. Ela não é, como se diz, um aniquilamento, uma cilada. É um erro acreditar que tudo se perde na obscuridade desta fossa aberta. Aqui tudo reaparece. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma retoma o infinito; aqui ela readquire a sua plenitude; aqui entra na posse de sua misteriosa natureza; liberta-se do corpo, liberta-se da necessidade, liberta-se do fardo, liberta-se da fatalidade. A morte é a maior das liberdades. É, também, o maior dos progressos. A morte é a ascensão de tudo o que viveu em grau supremo. Ascensão fascinante e sagrada. Cada um recebe o seu aumento. Tudo se transfigura na luz e pela luz. Aquele que na Terra só foi honesto torna-se belo; o que foi apenas belo torna-se sublime; o que só foi sublime torna-se bom.

“E agora, eu que falo, por que estou aqui? o que é que trago a esta fossa? com que direito venho dirigir a palavra à morte? Quem sou eu? Nada. Engano-me, sou alguma coisa. Sou um

proscrito. Exilado pela força ontem, exilado voluntário hoje. Um proscrito é um vencido, um caluniado, um perseguido, um ferido do destino, um deserddado da pátria. Um proscrito é um inocente sob o peso de uma maldição. Sua bênção deve ser boa. Eu abençoô este túmulo.

“Abençoô o ser nobre e gracioso que está nesta fossa. No deserto encontram-se oásis; no exílio encontram-se almas. Emily de Putron foi uma dessas encantadoras almas encontradas. Venho pagar-lhe a dívida do exílio consolado. Eu a abençoô na profundeza da sombra. Em nome das aflições sobre as quais ela resplandeceu docemente, em nome das provações do destino, para ela acabadas, para nós continuadas; em nome de tudo o que ela esperou outrora e de tudo o que obtém hoje, em nome de tudo o que ela amou, abençoô esta morte, abençoô-a na sua grandeza, na sua juventude, na sua ternura, na sua vida e na sua morte; abençoô-a na sua branca túnica sepulcral, na sua missão que deixa desolada, no seu caixão, que sua mãe encheu de flores e que Deus vai encher de estrelas!”

A estas notáveis palavras não falta absolutamente senão a palavra *Espiritismo*. Elas não expressam somente uma crença vaga na alma e em sua sobrevivência; ainda menos o frio nada, sucedendo à atividade da vida, enterrando para sempre sob o seu manto de gelo o Espírito, a graça, a beleza, as qualidades do coração; também não é a alma abismada neste oceano do infinito, que se chama o todo universal; é bem o ser real, individual, presente em nosso meio, sorrindo aos que lhe são caros, vendo-os, escutando-os, falando-lhes pelo pensamento. Que de mais belo, de mais verdadeiro que estas palavras: “Amar é viver além da vida. Sem esta fé, nenhum dom perfeito do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria o seu suplício. O paraíso seria o inferno. Não! digamos bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração necessita da alma.” Que idéia mais justa da morte, do que esta: “O prodígio desta grande partida celeste, que

chamam morte, é que os que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, como testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas... Estão no alto, e muito perto. Ó, quem quer que sejais, que vistes desaparecer na tumba um ente querido, não vos julgueis abandonados por ele. Está sempre lá. Está ao vosso lado mais que nunca. É um erro acreditar que tudo se perde na obscuridade desta fossa aberta. Aqui tudo reaparece. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma retoma o infinito; aqui ela readquire a sua plenitude.”

Não é exatamente o que ensina o Espiritismo? Mas aos que pudessem julgar-se vítimas de uma ilusão, ele vem aliar à teoria a sanção do fato material, pela comunicação dos que partiram, com os que ficam. Que há, pois, de tão desarrazoado em crer que esses mesmos seres, que estão ao nosso lado com um corpo etéreo, possam entrar em relação conosco?

Ó vós, cépticos, que rides de nossas crenças, rides, então, dessas palavras do poeta-filósofo, cuja alta inteligência reconheceis! Direis que é um alucinado? que é louco quando crê na manifestação dos Espíritos? É louco quem escreveu: “Tenhamos compaixão dos punidos. Ah! que somos nós mesmos? que sou eu, eu que vos falo? Que sois vós, vós que me escutais? De onde viemos? É bem certo que nada fizemos antes de nascer? A Terra não deixa de assemelhar-se a uma masmorra. Quem sabe se o homem não é um reincidente da justiça divina? Olhai a vida de perto; ela é feita assim para que se sinta a punição em toda parte.” (*Os Miseráveis*, 7<sup>o</sup> volume, livro VII, capítulo 1<sup>o</sup>). – Não está aí a preexistência da alma, a reencarnação na Terra; a Terra mundo de expiação? (Vide a *Imitação do Evangelho*, números 27, 46, 47).

Vós que negais o futuro, que estranha satisfação é a vossa de vos comprazerdes ao pensamento do aniquilamento do vosso ser, daqueles a quem amastes! Oh! tendes razão de temer a morte, porquanto, para vós, é o fim de todas as vossas esperanças.

Tendo sido lido o discurso acima na Sociedade de Paris, na sessão de 27 de janeiro de 1865, o Espírito da jovem *Emily de Putron*, que, por certo, o escutava e partilhava da emoção da assistência, manifestou-se espontaneamente pela Sra. Costel e ditou as seguintes palavras:

“As palavras do poeta correram como um sopro sonoro sobre esta assembléia; fizeram estremecer os vossos Espíritos; evocaram minha alma, que ainda flutua incerta no éter infinito!

“Ó, poeta, revelador da vida, bem conheces a morte, pois não coroas com ciprestes aqueles a quem choras, mas prendes às suas fronteiras as frágeis violetas da esperança! Passei rápida e ligeira, apenas afluando as comoventes alegrias da vida; ao final do dia fui arrebatada sobre o trêmulo raio que morria no seio das ondas.

“Ó minha mãe, minha irmã, minhas amigas, grande poeta! não choreis mais; ficai atentos! O murmúrio que roça os vossos ouvidos é o meu; o perfume da flor pendente é o meu suspiro. Misturo-me à grande vida para melhor penetrar o vosso amor. Somos eternos; o que não teve começo não pode acabar, e o teu gênio, ó poeta, semelhante ao rio que corre para o mar, encherá a eternidade com o poder que é força e amor!

*Emily”*

## Notas Bibliográficas

LA LUCE

*Giornale dello Spiritismo in Bologna* (Itália)

O Espiritismo conta um novo órgão na Itália. **A Luz**, *Jornal do Espiritismo em Bolonha*, aparece em edições mensais. (10 fr. por ano para a Itália). Eis a tradução de seu programa:

“Surgiu a aurora de um grande dia e já resplandece nos céus. O Espiritismo, este fato surpreendente, e para muitos incrível, fez sua aparição em todas as partes do mundo e marcha com força irresistível. Hoje seus adeptos se contam por milhões e estão espalhados em toda parte.

“Importantes obras e numerosos jornais especiais, devidos a inteligências de escol, são publicados sobre essa sublime filosofia, principalmente na França, onde muitas sociedades dela se ocupam. Várias cidades da Itália também fazem reuniões espíritas; em Nápoles e em Turim existem muitas sociedades científicas; a desta última cidade publica o excelente jornal *Anais do Espiritismo em Turim*.

“Os que ignoram os princípios desta nova ciência em vão se esforçam em ridicularizá-la e fazer passar seus aderentes por sonhadores e alucinados. As comunicações entre o mundo invisível e o mundo corpóreo estão na natureza das coisas; existiram em todos os tempos, razão por que se encontram seus traços em todos os povos e em todas as épocas. Essas comunicações, hoje mais gerais, mais espalhadas, patentes para todos, têm um objetivo: Os Espíritos vêm anunciar que os tempos preditos pela Providência para uma manifestação universal são chegados; eles têm por missão instruir os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

“É em vão que se agitam os fariseus da época, que a incredulidade se arma de um soberbo sorriso: eles não deterão a estrela do Espiritismo. Quanto mais ela avança, mais cresce sua força e vem abater o orgulhoso materialismo, que ameaça invadir todas as classes da sociedade.

“Se, pois, nos centros mais inteligentes, nas maiores cidades, nas capitais, há vários anos estudam com interesse esse



fenômeno que, fora das leis da ciência vulgar, se manifestam por todos os lados, é que reconheceram a sua realidade e neles viram a ação de uma vontade livre e inteligente.

“O jornal *A Luz* foi fundado com o objetivo de propagar esta nova ciência, apoiando-se nas mais instrutivas obras especiais, entre as quais colocamos em primeira linha as de Allan Kardec, o douto presidente da Sociedade Espírita de Paris, que nos fornecerão a matéria da parte filosófica, e a teoria da parte experimental. *Estudo e boa vontade* são as duas condições necessárias para chegar por si mesmo a experimentar. Na segunda parte, nosso jornal conterà os ditados dos Espíritos: uns sobre a mais consoladora filosofia e a mais pura moral, e os outros, não obstante familiares, serão escolhidos entre os mais adequados a inspirar a fé, o amor e a esperança. Além disso, passando em revista as obras e jornais espíritas, publicaremos todos os fatos susceptíveis de interessarem os nossos leitores. Nenhuma discussão será iniciada com pessoas que não conheçam os princípios do Espiritismo.

“A fé e a coragem tornarão menos penoso o nosso dever e mais fácil o caminho para chegar à verdade.”

## O Mundo Musical

JORNAL DA LITERATURA E DAS BELAS-ARTES

Publicado sob direção dos Srs. *Malibran* e *Roselli*. Administrador:  
Sr. *Vauchez*. Escritório em Bruxelas, rue de la Montagne, 51

Esse jornal, do qual demos notícia em nosso número de dezembro de 1864, acaba de constituir-se em sociedade em comandita, com o capital de 60.000 fr., dividido em 2.400 ações de 25 francos cada uma. Juros de 6% ao ano; parte do dividendo anual de 40% sobre o lucro. Aparece aos domingos, formato dos grandes jornais. – Preço da assinatura: para a Bélgica, 4 fr. por ano; 10